

## TEXTOS

### (Sugestões para seminários)

## O DESCOBRIMENTO DO BRASIL (Pero Vaz de Caminha)

(...) E assim seguimos nosso caminho, por este mar de longo, até que terça-feira das Oitavas da Páscoa, que foram 21 dias de abril, topamos alguns sinais de terra, estando da dita Ilha - segundo os pilotos diziam, obra de 600 ou 670 léguas - os quais eram muita quantidade de ervas compridas, a que os mareantes chamam botelho, e assim mesmo outras e que dão o nome de rabo-de-asno. E quarta-feira seguinte, pela manhã, topamos aves a que chamam fura-buchos.

Neste mesmo dia, a horas de véspera, houve vista de terra! A saber, primeiramente de um grande monte, muito alto e redondo; e de outras serras mais baixas ao sul dele; e de terra chã, com grandes arvoredos; ao qual monte alto o capitão pôs o nome de O Monte Pascoal e à terra A Terra de Vera Cruz!

Mandou lançar o prumo. Acharam vinte e cinco braças. E ao sol-posto umas seis léguas da terra, lançamos âncoras, em dezenove braças - ancoragem limpa. Ali ficamo-nos toda aquela noite. E quinta-feira, pela manhã, fizemos vela e seguimos em direitura à terra, indo os navios pequenos diante - por dezessete, dezesseis, quinze, catorze, doze, nove braças - até meia légua da terra, onde todos lançamos âncoras, em frente da boca de um rio. E chegaríamos a esta ancoragem às dez horas, pouco mais ou menos.

E dali avistamos homens que andavam pela praia, uns sete ou oito, segundo disseram os navios pequenos que chegaram primeiro. Então lançamos fora os batéis e esquifes. E logo vieram todos os capitães

das naus a esta nau do Capitão-mor. E ali falaram. E o Capitão mandou em terra a Nicolau Coelho para ver aquele rio. E tanto que ele começou a ir-se para lá, acudiram pela praia homens aos dois e aos três, de maneira que, quando o batel chegou à boca do rio, já la estavam dezoito ou vinte.

Pardos, nus, sem coisa alguma que lhes cobrisse suas vergonhas. Traziam arcos nas mãos, e suas setas. Vinham todos rijamente em direção ao batel. E Nicolau Coelho lhes fez sinal que pousassem os arcos. E eles os depuseram. Mas não pôde deles haver fala nem entendimento que aproveitasse, por o mar quebrar na costa. Somente arremessou-lhe um barrete vermelho e uma carapuça de linho que levava na cabeça, e um sombreiro preto. E um deles lhe arremessou um sombreiro de penas de ave, compridas, com uma copazinha de penas vermelhas e pardas, como de papagaio. E outro lhe deu um ramal grande de continhas brancas, miúdas que querem parecer de aljofar, as quais peças creio que o Capitão manda a Vossa Alteza. E com isto se voltou às naus por ser tarde e não poder haver deles mais fala, por causa do mar.

À noite seguinte ventou tanto sueste com chuvaceiros que fez caçar as naus. E especialmente a Capitaina. E sexta pela manhã, às oito horas pouco mais ou menos, por conselho dos pilotos, mandou o Capitão levantar âncoras e fazer vela. E fomos de longo da costa com os batéis e esquifes amarrados na popa, em direção norte, para ver se achávamos alguma abrigada e bom pouso, onde nós ficássemos, para tomar água e lenha. Não por nós já minguar, mas por nos prevenirmos aqui. E quando fizemos vela estariam já na praia assentados perto do rio obra de sessenta ou setenta homens que se haviam juntado ali aos poucos. Fomos ao longo, e mandou o Capitão aos navios pequenos que fôssem mais chegados à terra e, se achassem pouso seguro para as naus, que amainassem. (...)

(**Carta a El-Rei de Portugal**, ed. de Leonardo Arroyo, pp. 44-46. São Paulo, Melhoramentos, 1976).

## A RIQUEZA DE SEVILHA (ALONSO MORGADO)

Se tivéssemos a intenção de tratar da grande riqueza de Sevilha, não saberíamos por onde começar nem por onde acabar, porque ela é a grande cidade mais rica, mais florescente em negócios e em mercadorias de toda a Europa e que comunica com todas as partes do mundo, particularmente com as Índias Ocidentais, cujo comércio é tão grande que Sevilha pôde ser a única a gozar do privilégio pelo qual nenhum navio pode voltar das Índias sem que as suas cargas de mercadorias sejam descarregadas em Sevilha. Do seu porto partem para as Índias barcos protegidos por armadas, carregados de tantas mercadorias que é impossível calcular-lhes o valor.... Das Índias... chegam a Sevilha tesouros de prata e de ouro das suas minas em tal abundância que os seus preços baixaram. É um espetáculo admirável ver, quando um navio chega, os carros puxados por quatro bois transportando a imensa riqueza de ouro e de prata nas ruas íngremes que sobem do Guadalquivir para a Casa da Contratação... É também, maravilhoso ver a grande riqueza de muitas das ruas de Sevilha, onde se encontra tudo o que há de belo e de curioso da Flandres, da Grécia, de Gênova, de França, da Itália, da Inglaterra, da Bretanha, das regiões mais setentrionais e das Índias de Portugal. As riquezas de ouro, de prata, de pérolas, de cristais, de pedras preciosas, de esmaltes, de corais, de sedas de todas as espécies, de brocados, dos tecidos mais finos e de vestuário são tão grandes... que à noite as portas são fechadas à chave.

(Morgado, Afonso - **História de Sevilha**, séc. XVI. Apud Freitas, Gustavo de - **Novocentos textos e documentos de História**. Lisboa, Plátano, (1976).